

véxoa

nós sabemos
we know

**Apresentando
o Brasil indígena
através de seus
artistas**

**Presenting
Indigenous
Brazil through
Its Artists**

ON VIEW

**Aidekman Arts Center/Medford
September 5–December 10, 2023**



Top: Artistas Wauja, visualização da instalação (installation view), Pinacoteca de São Paulo. Photo by Isabella Matheus.

Bottom: Yermollay Caripoune, *Tunākay*, 2019. Coleção da Pinacoteca de São Paulo. Collection of Pinacoteca de São Paulo.

Véxoa, ou “Nós sabemos”, na língua Terena, afirma a importância da sabedoria indígena, dos laços geracionais e das relações sociais, oferecendo um espaço para o reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais.

Através do trabalho de vinte e dois artistas e coletivos indígenas de diversas etnias, vivendo e trabalhando em várias localidades geográficas do Brasil, a exposição mostra as maneiras pelas quais os artistas indígenas transitam entre as tradições milenares herdadas de suas culturas nativas e os múltiplos sistemas de produção artística no mundo de hoje. A exposição coloca suas vozes individuais e coletivas em defesa dos povos originários—seu patrimônio cultural, seus territórios e o planeta—engajando a sociedade em geral em um diálogo sobre o poder da arte e a experiência indígena. Sabemos que as nossas histórias estão sendo recontadas através de múltiplas plataformas, e que este momento é crucial para expandir as ferramentas e processos de resistência iniciados nas décadas anteriores. Também reconhecemos que as narrativas colonizadoras persistem e devem ser incansavelmente denunciadas e substituídas.

Os artistas aqui apresentados produzem em contextos urbanos e rurais, bem como em terras indígenas, enfatizando a contemporaneidade de seus trabalhos e práticas. A exposição ressalta a riqueza e a diversidade da arte indígena, reconhecendo e respeitando os diferentes significados que a palavra “arte” assume para os mais de 305 grupos indígenas do Brasil, falantes de 274 línguas distintas hoje existentes no território brasileiro.

Originalmente organizada para a Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2020, *Véxoa* foi a primeira exposição com curadoria de uma pessoa indígena a ser exibida em um museu de arte no Brasil. Aqui nas Galerias de Arte da Tufts University, os mesmos artistas e coletivos se reagruparam para reescrever colaborativamente uma história da arte convencional, reconhecendo a diversidade entre os povos indígenas, o poder da auto-representação e uma perspectiva plural sobre a produção artística no Brasil e, agora, no mundo.

Em sua iteração na Tufts, *Véxoa* é concebida como um espaço unificado, evitando divisões temporais, temáticas ou estéticas, a fim de refletir a sincronicidade orgânica da criatividade indígena no Brasil. Através de múltiplas conversas criadas entre obras de arte vizinhas, *Véxoa* apresenta o contexto vívido e dinâmico que os povos originais do Brasil carregam consigo na forma de resistência, memória e corpos autônomos, incessantemente articulados para que possam continuar a existir.

Naine Terena

Membro do povo indígena Terena do Estado brasileiro de Mato Grosso do Sul
Diretora de Educação e Formação Artística do Ministério da Cultura do Brasil e curadora independente.

Véxoa, or “We know,” in the Terena language, affirms the importance of Indigenous wisdom, generational bonds, and social networks, offering a space to recognize and value these traditional knowledges.

Through the work of twenty-two Indigenous artists and collectives from diverse ethnic groups, living and working in various geographical localities in Brazil, the exhibition showcases the ways in which Indigenous artists move between the millennia-old traditions inherited through their native cultures and the different systems of artistic production in the world today. It places their individual and collective voices in the defense of native peoples—their heritage, their lands, and the earth—engaging wider society in a dialogue about the power of art and the Indigenous experience. We know that our stories are being retold through multiple platforms, and that this moment is crucial for expanding the tools and processes of resistance initiated in previous decades. We also recognize that colonizing narratives persist and must be tirelessly denounced and rejected.

The artists presented here produce in both urban and rural contexts, as well as in Indigenous lands, emphasizing the contemporaneity of their work and practices. The exhibition highlights the richness and diversity of Indigenous art, acknowledging and respecting the different meanings embodied in the word “art” for the more than 305 Indigenous groups in Brazil, speaking 274 different languages currently in existence in the Brazilian territory.

Originally organized for the Pinacoteca do Estado de São Paulo in 2020, *Véxoa* was the first exhibition curated by an Indigenous person to be shown in an art museum in Brazil. Here at the Tufts University Art Galleries, the same artists and collectives have regrouped to collaboratively rewrite an older art history to recognize diversity among Indigenous peoples, the power of self-representation, and a pluralist perspective on artistic production in Brazil and, now, the world beyond.

In its iteration at Tufts, *Véxoa* is conceived of as a unified space, avoiding temporal, thematic, or aesthetic divisions, in order to reflect the organic synchronicity of Indigenous creativity in Brazil. Through multiple conversations created between neighboring artworks, *Véxoa* presents the vivid and dynamic context that the original peoples of Brazil carry with them in the form of resistance, memory, and autonomous bodies, incessantly articulated so they may continue to exist.

Naine Terena

Member of the Terena Indigenous people of the Brazilian State of Mato Grosso do Sul
Director of Education and Artistic Training at the Ministry of Culture for Brazil and Independent Curator



ASCURI – Associação Cultural dos Realizadores Indígenas, Nhanderu–Oficina Cine Sin Fronteras (Nhanderu–Cine Sin Fronteras Workshop), 2017. Coleção dos artistas. Collection of the Artists.

Cinema Indígena no Brasil

As novas mídias oferecem aos povos indígenas do Brasil uma variedade de meios acessíveis e criativos para documentar e compartilhar suas vidas diárias, experiências e memórias. Coletivos, redes e criadores indígenas autônomos ampliaram sua participação nas artes audiovisuais brasileiras nas últimas quatro décadas, não apenas produzindo filmes e vídeos, mas também desenvolvendo festivais, exposições e eventos para públicos em contextos indígenas e não-indígenas.

O cinema indígena é parte integral das artes e da cultura visual brasileiras. As primeiras produções audiovisuais realizadas por antropólogos e produtores locais incluíram iniciativas como o *Projeto Vídeo Kayapó* (1980), no norte do estado do Pará, e o *Vídeo nas Aldeias*, realizado em várias regiões do país desde 1986. Essas iniciativas levaram a tecnologia do vídeo às comunidades indígenas, ensinando-as a operar os equipamentos e familiarizando-as com a linguagem cinematográfica. Hoje, a imagem em movimento ganha força e importância com o surgimento da autorrepresentação indígena independente, por meio de criadores e grupos que atuam em diferentes frentes, como plataformas de mídias sociais, jornalismo e videoarte.

Véxoa: Nós Sabemos apresenta uma seleção da produção audiovisual da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI), um grupo vibrante formado por jovens criadores do estado brasileiro de Mato Grosso do Sul, composto principalmente por representantes dos povos Guarani-Kaiowá e Terena.

ASCURI é um grupo independente que trabalha sem formação ou apoio formal, qualidades que os distinguem de outros coletivos. Para estes criadores, o seu “modo de ser indígena” é uma característica importante das produções do grupo. Esse modo de ser inclui a resistência à apropriação de terras indígenas pelo agronegócio, uma questão que se faz presente em uma região geográfica onde as relações sociais são marcadas pela constante tensão em torno de disputas territoriais.

Os trabalhos do grupo ASCURI selecionados para *Véxoa* captam a cultura tradicional, o cotidiano, os conflitos e os modos de resistência. Envolvendo-se com a vida indígena contemporânea—desde rezas Guarani e a documentação de koixumuniti Terena (xamãs), até políticas públicas e demarcação de terras—os criadores da ASCURI nos convidam a experimentar uma década da recente produção audiovisual brasileira. Ao longo dessas obras, os interesses indígenas, as preocupações e as manifestações estéticas captadas pelas lentes desses cineastas “ativistas” projetam uma compreensão mais profunda e completa do Brasil no mundo contemporâneo.



ASCURI – Associação Cultural dos Realizadores Indígenas, *Mosarambihara*, 2016. Coleção dos artistas. Collection of the Artists.

Indigenous Film in Brazil

Time-based media offer the Indigenous peoples of Brazil a variety of accessible, creative means to document and share their daily lives, expanded their participation in Brazilian audiovisual arts over the past four decades, not only through producing film and video but also developing festivals, exhibitions, and events for audiences in both Indigenous and non-Indigenous contexts.

Indigenous cinema is an integral part of Brazilian arts and visual culture. Early audiovisual productions by anthropologists and local makers included such initiatives as the *Kayapo Video Project* (1980) in the northern state of Pará, and *Vídeo nas Aldeias* (Video in the Villages) conducted in various regions of the country since 1986. These initiatives brought video technology to Indigenous communities, teaching them how to operate equipment and familiarizing them with cinematographic language. Today, the moving image has gained strength and importance with the emergence of independent Indigenous self-representation by makers and groups operating on disparate fronts, including social media platforms, journalism, and video art.

Véxoa: We Know presents a selection of audiovisual output from the Cultural Association of Indigenous Directors (ASCURI), a vibrant group comprised of young makers from the Brazilian state of Mato Grosso do Sul, composed mostly of the Guarani-Kaiowá and Terena peoples.

ASCURI is an independent group working with no formal training or support, qualities that distinguish them from other collectives. For these makers, their “Indigenous way of being” is an important feature of the group’s productions. This ethos includes resisting the seizure of Indigenous lands by agribusiness, a pervasive issue in a geographical region where social relations are marked by constant tension around territorial disputes.

The ASCURI works selected for *Véxoa* capture traditional culture, everyday life, conflicts, and modes of resistance. Engaging with Indigenous contemporary life—from Guarani prayers and the documentation of Terena *koixumuniti* (shamans), to public policy and land demarcation—ASCURI makers invite us to sample a decade of recent Brazilian audiovisual production. Throughout these works, Indigenous interests, concerns, and aesthetic manifestations captured through the lenses of these “artist” filmmakers project a deeper, fuller understanding of Brazil into the contemporary world.



Naine Terena. Photo: Teo Miranda

Claudia Mattos Avolese Entrevistas **Naine Terena**

CMA | **Véxoa diverge de modos convencionais de exibição e cria novas narrativas e metodologias curatoriais. Você pode nos contar como preparou a exposição?**

NT | *O princípio curatorial de Véxoa relaciona-se com o tempo-espaço-território da educação indígena. Procurei respeitar esta forma de ver o mundo. Véxoa trabalha com a ideia de que existem outras cronologias, organizações e formas de estar no mundo e nas artes. Na minha opinião, o visitante de Véxoa poderia colocar as obras em qualquer ordem e nunca desmontaria a narrativa, porque a força do pensamento, as cosmologias e as circularidades indígenas são sustentadas por uma compreensão de mundo. O espaço expositivo foi pintado numa cor monolítica para sublinhar a ausência de distinções entre períodos de tempo ou hierarquias.*

CMA | **Véxoa é a primeira exposição de arte indígena com curadoria de uma pessoa indígena no Brasil. Qual a importância desse fato para o mundo dos museus, das artes e da história da arte?**

NT | *Não foi a primeira. No interior do Brasil, muitas pessoas indígenas fizeram curadoria de exposições. Acontece que Véxoa teve visibilidade porque foi realizada no maior museu de arte do Brasil a partir daí iniciou-se um processo muito importante de reconfiguração do acervo permanente desse museu. O que é fundamental é a continuidade. Depois de Véxoa, mais obras foram adquiridas, e maior presença indígena na Pinacoteca foi sentida. Fiz uma breve análise sobre a presença indígena nessa instituição, bem como uma verificação do quanto essa presença é divulgada pela comunicação do museu, e como ela é divulgada. Tudo isso é o processo de um trabalho de longo prazo, não apenas de uma exposição com data de início e fim. Não me interessava fazer uma exposição sem continuidade. No entanto, a continuidade também depende da forma como a equipe da instituição enfrenta os desafios e as mudanças. A iteração de Véxoa nas Galerias de Arte da Tufts também pode ser pensada nesses termos, ou seja, como uma expansão do processo inaugurado na Pinacoteca de São Paulo.*

CMA | **Há uma dimensão política em Véxoa? Como você entende a relação entre arte e política? A arte é política?**

NT | *A vida é política, mas não nos damos conta disso. Para os povos indígenas, talvez esse poder político das artes tenha que ser mais visível, porque é uma das formas de falar sobre nossas demandas sócio-territoriais e conflitos sociais.*

Claudia Mattos Avolese Interviews

Naine Terena

CMA | *Véxoa* diverges from conventional modes of exhibition and creates new curatorial narratives and methodologies. Can you please tell us how you prepared the installation and layout of the exhibition?

NT | *Véxoa's* curatorial principle relates to the time-space-territory of Indigenous education. It tried to respect this way of seeing the world. *Véxoa* operates with the idea that there are other chronologies, organizations, and ways of being in the world, and in the arts. In my mind, the visitor to *Véxoa* could place the works in any order and they would never dismantle the narrative, because the power of thought, the cosmologies, and the Indigenous circularities, are sustained by an understanding of the world. The exhibition space was painted in one color to underscore the lack of distinctions between periods of time or hierarchies.

CMA | *Véxoa* is the first Indigenous art exhibition curated by an Indigenous curator in Brazil. How important is this for the museum world, the arts, and art history?

NT | *It was not the first. In the interior of Brazil, many Indigenous people have curated exhibitions. What happened is that Véxoa had visibility because it took place in the largest art museum in Brazil and started a very important process of reconfiguration of the permanent collection of this museum. What is important is continuity. After Véxoa, more artworks were acquired, and more Indigenous presence in the Pinacoteca was felt. I did a brief analysis about the Indigenous presence in this institution, as well as a verification of how much this presence is publicized by the museum's communications, and how it is publicized. All of this is the process of long-term work, not only of an exhibition that had a start and end date. I was not interested in creating an exhibition without continuity. However, continuity also depends on how the institution's staff faces challenges and changes. Tufts' iteration of Véxoa can also be thought of in these terms, that is, as an expansion of the process inaugurated at the Pinacoteca in São Paulo.*

CMA | Does *Véxoa* have a political dimension? How do you understand the relationship between art and politics?

NT | *Is art political? Life is political, but we don't realize it. For Indigenous people, perhaps this political power of the arts has to be more visible, because it is one of the ways to talk about our socio-territorial demands and social conflicts.*

Edgar Kanaykô, *Já! Luta e resistência (Now! War and Resistance)*, 2017. Coleção da Pinacoteca de São Paulo. Collection of Pinacoteca de São Paulo.



CMA | Além de curadora, você é formada em Arte Educação e atualmente trabalha no Ministério da Cultura, em Brasília. Na sua opinião, qual é a contribuição de Véxoa para a educação no Brasil e no mundo?

NT | *Numa pesquisa recente, a Amoreira Comunicação, uma agência de comunicação independente no Brasil, afirmou que as artes indígenas têm o potencial de atingir públicos maiores fora da “bolha”. Isto diz muito. A arte indígena pode talvez fazer um trabalho melhor comunicando ao público em geral quem são os povos indígenas—o que eles pensam, o que eles querem—do que o movimento indígena organizado. Ou seja, estas ideias podem talvez ser expressas de uma forma que alcancem mais pessoas. De fato, a arte cria alguns espaços de diálogo muito específicos. Embora o meu cargo no Ministério da Cultura não esteja diretamente ligado à questão indígena, porque estou numa diretoria de educação e formação artística, o tema não escapa ao nosso trabalho. Neste momento, por exemplo, estamos em diálogo com o Ministério da Educação para pensarmos numa educação integrada, para que alguns conteúdos educativos possam entrar no âmbito da educação básica. Um exemplo é o nosso esforço para incluir referências a mestres reconhecidos de conhecimentos tradicionais no currículo escolar, o que seria simplesmente a aplicação efetiva da Lei 11.645/08, a qual torna obrigatório o ensino de histórias indígenas e afro-brasileiras desde o ensino fundamental até o ensino médio. Também estamos trabalhando no sentido de capacitar os indígenas para ampliarem suas atividades na produção cultural.*

CMA | Em relação à cultura material e visual, que recomendações faria aos museus sobre a forma adequada para educar o público sobre a aquisição e exposição de objetos indígenas?

NT | *Em primeiro lugar, os museus precisam criar espaço para consultas com as comunidades indígenas. Sou uma entusiasta da presença indígena nos museus, a exemplo do que aconteceu no Museu Paranaense, em Curitiba, Brasil. Numa consultoria que fiz para esse museu, propus trazer três estudantes indígenas com bolsas de estudo para trabalhar na montagem de uma exposição. Isso foi feito, a exposição foi inaugurada este ano, e agora eu estou pensando no desdobramento do projeto. Não se pode falar de arte indígena sem a presença indígena nesses lugares. O processo tem de começar de dentro para fora.*

CMA | Como você enxerga o lugar da arte indígena na esfera cultural hoje? Quais são as perspectivas para o futuro?

NT | *A arte indígena sempre esteve presente. Mais recentemente, adquiriu maior visibilidade quando o mercado da arte decidiu que seria bom trazer alguns artistas indígenas para o domínio da arte contemporânea. Acho que precisamos refletir sobre o que é arte indígena, para além da mídia e do mercado. Pensar naqueles que estão nas aldeias produzindo arte, mesmo que ainda não tenham sido reconhecidos como tal. Também temos que pensar em como isso pode ser potencializado enquanto elementos da resistência e geração de renda.*

CMA | Reconhecendo a supressão das línguas como uma característica das tecnologias coloniais europeias e tendo em conta a enorme perda cultural perpetrada por atores do passado e do presente sobre as comunidades indígenas, como você imagina uma estrutura sistemática de preservação das línguas indígenas faladas hoje no Brasil e além?

NT | *Vejo a manutenção das línguas indígenas como algo muito complexo. Acabei de trabalhar numa aplicação e na criação de jogos de tabuleiro para o ensino da língua Terena, a minha língua materna. E para cada caso, há um método de trabalho diferente. Penso que há uma dinâmica complexa que envolve também a escrita destas línguas para a sua documentação. E, para além disso, envolve o reconhecimento da forma como são ensinadas, dentro das casas, nas escolas e entre diferentes grupos.*

CMA | Véxoa dedica uma seção especial ao cinema indígena. Na sua opinião, por que é importante incluir a videoarte e o cinema na exposição?

NT | *Comecei a minha carreira artística no teatro e, como estudante de graduação, logo me envolvi no estudo das artes audiovisuais. Para mim, isso tem se mostrado um dos pontos fortes do trabalho indígena. A mídia indígena tem contribuído de forma significativa para o fortalecimento e a visibilidade dos povos indígenas há pelo menos duas décadas.*

CMA | Besides being a curator, you have a degree in art education, and you are currently working at the Ministry of Culture in Brasília. In your opinion, what is Véxoa's contribution to education in Brazil and the world?

NT | *In a recent survey, Amoreira Comunicação, an independent communication agency in Brazil, affirmed that Indigenous arts have the potential to reach larger audiences outside the "bubble." This says a lot. Indigenous art can perhaps do a better job communicating to the general public who the Indigenous peoples are—what they think, what they want—than the organized Indigenous movement. That is, these ideas can perhaps be expressed in a way that reaches more people. In fact, art creates some very specific spaces of dialogue. Although my position in the Ministry of Culture is not directly linked to the Indigenous issue, because I am in a directorate of education and artistic training, the theme does not escape our work. At this moment, for example, we are in dialogue with the Ministry of Education to think about integrated education, so that some educational contents can enter the realm of basic education. One example is our effort to include references to recognized masters of traditional knowledge in the school curriculum, which would simply be the effective application of Law 11.645/08, which makes the teaching of Indigenous and Afro-Brazilian histories obligatory from primary school to high school. We are also working towards training Indigenous people to expand their activities in cultural production.*

CMA | Regarding material and visual culture, what advice would you give to museums on how to educate the public about collecting and displaying Indigenous objects?

NT | *First, museums need to open the space for consultation with Indigenous communities. I am an enthusiastic advocate of Indigenous presence in museums, as happened in the Paranaense Museum in Curitiba, Brazil. In a consultancy I did for that museum, I proposed to bring in three Indigenous students with scholarships to work on setting up an exhibition. This was done, the exhibition opened this year, and now I am thinking about the unfolding of the project. One cannot talk about Indigenous art without the Indigenous presence in these places. The process has to begin from inside and then move out.*

CMA | How do you understand the place of Indigenous art in the cultural realm today? What are the prospects for the future?

NT | *Indigenous art has always been here. Lately, it has only acquired more visibility when the art market decided it would be a good thing to bring some Indigenous artists into the contemporary art world. I think that we need to think about what Indigenous art is, beyond the media and market. Think about those who are in the villages producing art, even if still not recognized as such. We also have to think of how this can be promoted as elements of resistance and generation of income.*

CMA | Recognizing language suppression as a feature of European colonial technologies and given the enormous cultural loss perpetrated by past and present actors on Native communities, how do you envision a systematic framework for the preservation of Indigenous languages spoken today in Brazil and beyond?

NT | *I see the maintenance of Indigenous languages as something very complex. I have just finished working on an application and some board games for teaching the Terena language, my own mother tongue. And for each case, there is a different working method. I believe that there is a complex dynamic that also involves the writing of these languages to register them. And beyond this, it involves acknowledging the way they are taught, inside the homes, in schools, and among different groups.*

CMA | Véxoa devotes a special session to Indigenous cinema. Why do you think it is important to include video art and film in the exhibition?

I started my artistic career in theater, and as an undergraduate I soon became involved in the study of audiovisuals. To me, it has been proven to be one of the strengths of Indigenous work. Indigenous media have been significant for the strengthening and visibility of Indigenous peoples for at least two decades.

Naine Terena (Cuiabá, MT, 1980) é a curadora-chefe de *Véxoa*. Pertence ao povo indígena Terena do estado de Mato Grosso do Sul, é Diretora de Educação e Formação Artística do Ministério da Cultura do Brasil e Curadora Independente.

Como curadora independente, ativista e pesquisadora, ela se concentra principalmente nos aspectos sociais da arte, investigando como as narrativas históricas são construídas e explorando os mecanismos tendenciosos de distribuição de poder. É mestre pela Universidade de Brasília, doutora em Educação pela PUC-São Paulo e pós-doutora pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Editou o livro *Povos indígenas no Brasil* (Brazil Publishing, 2018) e foi finalista do *Jane Lombard Prize for Art and Social Justice*, concedido pelo Vera List Center for Art and Politics da The New School, em Nova York.

Claudia Mattos Avolese é a organizadora convidada por TUAG para *Véxoa* e Professora Sênior de Estudos Visuais e Materiais na SMFA da Universidade de Tufts. Nascida no Rio de Janeiro, Brasil, Avolese obteve seu PhD em história da arte na Universidade Livre de Berlim, Alemanha, e foi bolsista associada no Courtauld Institute of Art, em Londres. Em 2003, tornou-se professora de história da arte na Universidade de Campinas (UNICAMP), no Brasil, onde lecionou artes visuais e história da arte até se mudar para os Estados Unidos em 2019. Suas pesquisas focam temas como teoria da imagem, tradições paisagísticas do século XIX, modernismo brasileiro, ecologia e arte indígena no Brasil, entre outros. Em 2017, foi professora visitante na Universidade de Harvard. O seus trabalhos acadêmicos já foram publicados em *The Art Bulletin*, *Perspective*, *Res: Anthropology and Aesthetics* e *Journal of Art Historiography*.

Naine Terena (Cuiabá, MT, 1980) is the lead curator of *Véxoa*. She belongs to the Terena Indigenous people of the state of Mato Grosso do Sul, and is Director of Education and Artistic Training at the Ministry of Culture for Brazil.

As an independent curator, activist, and researcher, she focuses primarily on the social aspects of art, investigating how historical narratives are constructed and exploring the biased mechanisms of power distribution. She has an MA from the University of Brasília, a PhD in Education from PUC-São Paulo, and is a postdoc at the Federal University of Mato Grosso (UFMT). She edited the book *Povos Indígenas no Brasil* [Indigenous Peoples in Brazil] (Brazil Publishing, 2018) and was a finalist for the *Jane Lombard Prize for Art and Social Justice*, awarded by The New School's Vera List Center for Art and Politics in New York.

Claudia Mattos Avolese is TUAG's guest organizer of *Véxoa* and Senior Lecturer in Visual and Material Studies at SMFA at Tufts University. A native of Rio de Janeiro, Brazil, Avolese obtained her PhD in art history from the Free University in Berlin, Germany, and was an associate fellow at The Courtauld Institute of Art in London. In 2003, she became a professor for the history of art at the University of Campinas (UNICAMP), in Brazil, where she taught visual arts and art history until moving to the United States in 2019. Her research focuses on themes such as art theory, nineteenth-century landscape traditions, Brazilian modernism, ecology, and Indigenous art in Brazil, among others. In 2017, she was a visiting professor at Harvard University. Her scholarly work has appeared in *The Art Bulletin*, *Perspective*, *Res: Anthropology and Aesthetics*, and *Journal of Art Historiography*.

Denilson Baniwa, *Yawareté maku tetama (jaguar em terra ancestral)*.
Jaguar in ancestral land.



véxoa artists

Arissana Pataxó

ASCURI - Associação Cultural dos
Realizadores Indígenas

Artistas Waujá (Aulahu Waurá +
Itsautaku Waurá + Karapotan
Waurá)

Artistas Yudjá (Taperida Juruna +
Pirrum Juruna)

Carmézia Emiliano

Coletivo Kókir

Daiara Tukano

Denilson Baniwa

Edgar Kanaykõ

Gustavo Caboco

Jaider Esbell

Kaya Agari

MAHKU - Movimento dos Artistas

Huni Kuin

Tamikuã Txihi

Yacunã Tuxá

Yermollay Caripoune



Jaider Esbell, *Árvore de todos os saberes (Tree of All Knowledge)*, 2013-2021. Coleção da Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea. Cortesia da Pinacoteca de São Paulo. Collection of Jaider Esbell Contemporary Indigenous Art Gallery. Courtesy of Pinacoteca de São Paulo. Photo by Isabella Matheus.



Para atualizações
e para saber mais,
encontre nossa
lista de programas
públicos.

For updates and to
learn more, please
find our list of public
programs here.

programs

September

20

Véxoa: Reception & Artist Program

Véxoa: Recepção e Programa de Artistas

6-8 pm

October

3

Centering Indigenous Voices in the Arts

Centrando as Vozes Indígenas nas Artes

4-6 pm

November

16

Workshop: Capoeira

Oficina: Capoeira

7 pm

December

10

Véxoa: Closing Event & Tour

Véxoa: Evento de Encerramento e Tour

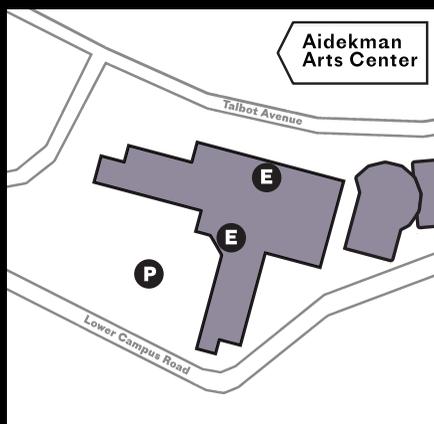
2 pm

Tufts University Art Galleries

AIDEKMAN / Medford

September 5 - December 10, 2023

40 Talbot Avenue, Medford
Tuesday–Sunday, 11AM–5PM
Open late with events



Curator | Naine Terena

TUAG guest organizer | Claudia Mattos Avolese

Research & Translations | Michaela Blanc (MA'22)
María Mancera Perez (MA'23)

Copy-editor | John Ewing

Designer | Jennifer Liston Munson

Printer | Puritan

**Véxoa: We Know is made possible by
Teiger Foundation**

The exhibition *Véxoa: We Know* is an original
production of Pinacoteca de São Paulo



@tuftsartgalleries



artgalleries.tufts.edu

Front: Edgar Kanaykō, *Wawí-pintura corporal tradicional do Povo Xakriabá* (*Wawí-traditional body painting of Xakriabá People*), 2016. Coleção da Pinacoteca de São Paulo. Collection of Pinacoteca de São Paulo.

